

PARENTALIDADE POSITIVA: A mediação psicopedagógica no pós-pandemia

POSITIVE PARENTING: Psychopedagogical mediation in the post-pandemic

Dirce Encarnacion Tavares

<http://lattes.cnpq.br/4345506272562072>

Rosana Dias da Silva

<http://lattes.cnpq.br/7520210949923782>

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a parentalidade positiva, através da análise crítica de conteúdos e numa abordagem qualitativa, utilizada na metodologia da pesquisa, neste trabalho, para melhor entendimento da investigação para aplicação na psicopedagogia clínica. Visa um melhor atendimento de crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagens. Por ser um tema bastante peculiar a cada núcleo familiar, sugiro que possamos pensar no papel do psicopedagogo como mediador de um processo que poderá facilitar a conduta dos pais com relação a seus filhos, já que todos passamos por um longo período de isolamento social e atualmente, no pós-pandemia, percebemos como a sociedade foi afetada em seu comportamento através da intolerância, negligências, vulnerabilidades, discórdias. Os instrumentos usados na educação parental podem ser aplicados como facilitadores na comunicação para famílias que por vários motivos não conseguiram exercer a função de pais e que necessitam mudar suas rotinas de vida para que possam favorecer e manter um ambiente mais afetivo e que colabore com a saúde mental e física de seus membros para que possam ter um convívio melhor em sociedade.

Palavras-chave: Psicopedagogia Clínica. Parentalidade Positiva. Família – Afeto.

ABSTRACT

This paper proposes a reflection on positive parenting through critical family analysis within a qualitative approach used in the research methodology for better understanding in clinical psychopedagogy application. It aims to enhance the support for children and families facing learning difficulties. Given the uniqueness of each family nucleus regarding this topic, I suggest considering the role of the psychopedagogue as a mediator in a process that could facilitate parents' conduct towards their children. This is particularly relevant

as we have all experienced na extended period of social isolation, and currently, in the post-pandemic era, we observe society's behavioral changes marked by intolerance, negligence, vulnerabilities, and discord. Parental education tools can serve as facilitators in communication for families who, due to various reasons, have struggled to fulfill their parental roles and need to adapt their lifestyles to foster and maintain a more affectionate environment conducive to the mental and physical health of their members, thereby promoting better social interactions.

Keywords: Clinical Psychopedagogy. Positive Parenting. Family – Affection.

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa busca pensar no papel do psicopedagogo e suas intervenções perante as famílias, para que as crianças e adolescentes, possam ter atendimento clínico de melhor qualidade e uma melhor resposta em sua habilitação e/ou reabilitação - do ponto de vista colaborativo - entre família e paciente; partindo da anamnese e posteriormente para uma possível mediação de educação parental positiva. Podendo assim, atingir de forma assertiva, outros núcleos de convivência importantes para a sociedade, como por exemplo, as instituições escolares, o Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (SAICA), dentre outros.

Com o advento da pandemia da COVID 19, a reclusão das pessoas em suas casas e a falta de contato social passou por uma transformação dos indivíduos, cada um com suas especificidades, porém impactando o pós-pandemia de natureza socioemocional, pois tivemos que reaprender a conviver em sociedade e ainda estamos tentando nos ajustar, lembrando que cada indivíduo tem seu próprio tempo. O confinamento deixa as pessoas mais isoladas, aumento dos sentimentos de tristeza, depressão e ansiedade (Tavares 2022, p. 54). Por um lado, foi de extrema necessidade em um período tão crítico de pandemia, mas por outro deixou muitas sequelas e precisamos falar sobre elas.

Ainda, segundo Tavares (2022, p. 63 e 64):

Não temos muita clareza, do impacto psicológico da pandemia, mas sabemos que depende da reação dos adultos dentro de casa. Os pais são modelos e devem dar o exemplo no controle do estresse e da rotina. É momento de muito diálogo entre a

família, momento de explicar a situação que vivemos de forma muito clara e honesta aos filhos, com a finalidade de mostrar amor e segurança, que estamos vivendo é um momento difícil mais passageiro, a fim de tranquilizá-lo.

O pós-pandemia pode ter “escancarado” um tema há muito discutido – sobre a importância da educação parental - e não menos importante, sobre a rede de apoio aos núcleos familiares que os norteiam: demais familiares, babás, monitores, e a assistência multidisciplinar; voltados aos cuidados às crianças e adolescentes.

Como pesquisadora, é importante discorrer sobre minha trajetória na carreira do magistério, por 26 anos, atuando na Rede Pública Municipal de São Paulo, tive a oportunidade de percorrer pelos caminhos da Educação em salas de aula (tanto na Escola Municipal de Educação Infantil – EMEI, como na Escola Municipal de Ensino Fundamental – EMEF), como Professora Orientadora em Salas de Leitura (EMEF e Educação de Jovens e Adultos – EJA), e em designação como assistente de direção e coordenadora pedagógica (no Centro de Educação Infantil – CEI).

Em cada período do meu trabalho, pude observar de perto, tanto na gestão escolar e/ou como educadora, os comportamentos dos alunos dentro da escola e até que ponto o comprometimento das famílias com a educação dos filhos e a convivência familiar podem afetá-los na indisciplina, falta de respeito, dificuldades de aprendizagens - que acabam se tornando entraves na aprendizagem escolar em qualquer faixa etária.

Senti a necessidade de colaborar, na área da psicopedagogia, com os familiares, a repensarmos a educação parental, tanto no antes como no pós-pandemia, pois todos somos responsáveis enquanto sociedade, na transformação de indivíduos capazes de serem mais tolerantes e afetivos. Contribuindo com uma sociedade mais justa; respeitando a diversidade, a cidadania e os direitos humanos.

Seguindo a ideia de que os pais nascem quando o bebê é concebido, inicia-se, então, o processo de construção da parentalidade, onde a família tem destaque como primeiro núcleo social da criança, dentro da sociedade como um todo.

Durante a pandemia da COVID-19, tivemos que passar por uma mudança mundial de rotina, o chamado isolamento social, com protocolos rígidos de higiene e reclusão onde cada núcleo familiar procurou se reinventar, em termos de convivência e sobrevivência com os seus próximos sem a colaboração de quaisquer outros núcleos de apoio.

Com o retorno dos núcleos em sociedade no pós-pandemia, percebemos como as relações sociais foram afetadas por negligências, vulnerabilidades, discórdias, falta de empatia e afeto para com todos, atingindo de forma muito mais peculiar os mais vulneráveis - as crianças e idosos.

Isto se faz pensar no papel do psicopedagogo e equipe multidisciplinar como rede de apoio na mediação e intervenção, junto às famílias que buscam estes profissionais, muitas vezes, com queixas voltadas desde dificuldades de aprendizagem a problemas comportamentais; ansiosos por estabelecerem melhor vínculo com a nova realidade: o maior tempo de convivência em família e como isso afetou as relações sociais em outros meios de convivência como por exemplo, as escolas.

Levando em conta as observações, no decorrer da prática docente, se propõe refletir sobre os seguintes questionamentos e hipóteses:

- Até que ponto, podemos afirmar que a pandemia de COVID-19 interferiu no comportamento do núcleo familiar?
- Como o psicopedagogo clínico, pensando no pós-pandemia, pode mediar os pais para que as crianças e adolescentes tenham melhor suporte em sua habilitação ou reabilitação?
- Será que as famílias foram impactadas da mesma forma, na pandemia de COVID 19, durante o isolamento social?
- Como o psicopedagogo poderá introduzir junto às famílias, a ideia de educação parental positiva, pensando no bem-estar físico e psicológico da criança em atendimento clínico?

Através do IEP (Inventário de Estilos Parentais), pesquisado e utilizado pela Psicóloga e pesquisadora Paula Inez Cunha Gomide, o psicopedagogo terá em mãos um instrumento já estudado e pautado na avaliação de práticas parentais utilizadas pelos pais para educar filhos, tanto pela percepção dos filhos, como dos pais.

Os principais objetivos para responder aos questionamentos e hipóteses acima, são de voltar nosso estudo em pesquisas recentes, sobre os tipos de parentalidade existentes nos núcleos familiares e como cada um pode interferir na relação família X filhos X sociedade; conceituar os significados de sociedade, família, parentalidade perante as leis que regem nossa Constituição Federal (1988) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990). Como abordagem na mediação e intervenção psicopedagógica, entre pais e filhos (sujeito/paciente) proponho utilizarmos como instrumento de avaliação, os recursos da Parentalidade Positiva, visando promover os direitos humanos, a cidadania, a diversidade e a inclusão social; além de, verificar como a psicopedagogia clínica e institucional pode colaborar com a formação de mediadores (pais e professores) na utilização da abordagem em Parentalidade Positiva, com o propósito de buscar uma sociedade mais tolerante e afetiva através da reflexão.

A análise metodológica para este trabalho foi a qualitativa, “cujo objetivo é alcançar uma visão detalhada, complexa e holística” da realidade pesquisada, segundo Fazenda, Tavares e Godoy (2015, p. 62); e seus resultados não foram mensurados por se tratar de uma pesquisa focada *em* entender os aspectos mais subjetivos: comportamentos, ideias, pontos de vista, modos de vida, entre outros; que será retratada por embasamento teórico, através de diálogos e interpretações. Para tanto, utilizamos o tipo de pesquisa fenomenológica, que segundo Masini (2010, *apud*: Fazenda, Tavares e Godoy, 2015, p. 74):

Propõe uma reflexão exaustiva sobre a importância, a validade e a finalidade da investigação, que pode ser retomada e revista por nova interpretação, denominando-se de pesquisa inacabada, confirmando o que Merleau-Ponty salienta: ‘O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que vivo, sou aberto ao mundo, me comunico indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável.

As especificações de amostragem, coleta de dados, organização e análise de dados se deram através da análise crítica por ser um instrumento que se adequa ao tema aqui proposto por ser subjetivo e passível de dúvidas, partindo do princípio de que a sociedade é mutável e não temos como mensurar modos de vida e diversidade familiar. Na visão de Chizzotti (2000, p. 98), “o objeto da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”. E embasando este trabalho metodologicamente, conclui-se que:

Análise de conteúdo é um método de tratamento e análise de informações, colhidas por meio de técnicas de coleta de dados, consubstanciadas em um documento. A técnica se aplica à análise de textos escritos ou de qualquer comunicação (oral, visual, gestual) reduzida a um texto ou documento. ... é ‘um conjunto de técnicas de análise de comunicação’ que contém informação sobre o comportamento humano atestado por uma fonte documental” (Chizzotti, 2000, p. 98).

Esta pesquisa se baseia em trabalho teórico de análise crítica pois permeia a estrutura social, cultural, política e econômica da situação aqui estudada, levando em consideração a construção de uma consciência crítica, a partir dos critérios de confrontação, defrontação e diálogo (Fazenda, Tavares e Godoy, 2015, p. 116). Busca respeitar o ponto de vista das partes, procurando resolver os impasses das questões sem imposição de ideais e resoluções pessoais.

FAMÍLIA, PARENTALIDADE E ESTILOS PARENTAIS

A Constituição Federal de 1988, estabelece como princípio fundamental a dignidade da pessoa humana, que é o fundamento central para a compreensão do conceito de família em nosso país.

O Direito de Família apresenta a gerência de forte carga emocional em seu aparato legal, pois é um dos diplomas que vem normatizar os relacionamentos humanos familiares. São fatores ligados à convivência no seio familiar e em seu contexto que revelam as emoções e os sentimentos, dentre os quais surge o afeto. A conjugalidade em qualquer de suas formas, bem como a parentalidade e fundamentalmente a paternidade estão permeadas deste sentimento altruísta, o afeto.

Não é possível pensar em família sem ter em conta o princípio da afetividade. O direito de família é o mais humano dos direitos, portanto diz respeito às relações mais íntimas do indivíduo. Por tal razão, as relações que acontecem no seio da família só podem fundar-se no amor, carinho e respeito, sentimentos esses decorrentes do que se busca garantir através do princípio da afetividade (Diniz, 2010, s/p).

No artigo 226, da Constituição Federal, do Código Civil Brasileiro, a família é entendida como um grupo formado por pessoas unidas por laços afetivos. Entende-se que seja pelo casamento civil ou religioso, pela união estável, pela adoção, pela guarda compartilhada ou por qualquer outra forma de convivência é reconhecida socialmente quando se trabalha com a afetividade.

Nessa perspectiva ampla e inclusiva se protege e garante os direitos constitucionais a todos os tipos de família, ou seja, independentemente de sua configuração. É importante destacar que a legislação brasileira também reconhece o direito à igualdade e à não discriminação, garantindo proteção legal a todas as formas de família, independentemente da orientação sexual dos seus membros.

Para a psicanálise, família não está atrelada apenas a um nome ou fator biológico, mas sim, a partir de relacionamentos construídos pelos seres humanos. As teorias psicanalistas demonstram que a influência da família sobre nós vem desde o início e que com o passar do tempo ela vai se transformando no que cada núcleo familiar considera ser família – seja por afinidade, por influência ou por sangue. O contexto em que a família está inserida influencia e induz na adaptação de nossa psiquê. Partindo dos pensamentos de Lacan e Levi Strauss, pode-se concluir que família é uma estruturação psíquica onde cada membro ocupa seu lugar e função (de pai, de mãe, de filhos) sem, necessariamente estarem ligados biologicamente. Tanto é assim, uma questão de “lugar”, que um indivíduo pode ocupar o lugar de pai ou mãe, sem que seja o pai ou a mãe biológica. E por ser um exercício de lugar e função é que podemos considerar também, o instituto da adoção. Considerando que, pai ou a mãe biológica também podem ter dificuldades em ocuparem esse lugar que se faz muito necessário e essencial à estruturação psíquica e à nossa formação como seres humanos e sujeitos de direitos (<https://core.ac.uk>).

A parentalidade em seu conceito atual está atrelada a função junto a sociedade como um processo de desenvolvimento que inclui não somente o fator biológico, mas principalmente os fatores psicológicos, afetivos e jurídicos. No núcleo familiar a parentalidade tem como objetivo – cuidar, educar, proteger, apoiar no desenvolvimento físico, emocional, social e cognitivo da criança e adolescente e fazer-se pertencer. E vai além da composição de pais e mães biológicos para novas configurações familiares: constituídas por processos de adoção, casais homossexuais, filhos concebidos por diferentes métodos ou provenientes de relacionamentos anteriores. Podemos ainda levar em conta, as crianças e adolescentes que se encontram sob tutela do Estado em Abrigos Institucionais, Casas Lares, Famílias Acolhedoras e Repúblicas.

O distanciamento social, devido à COVID 19, em 2020, levou o núcleo familiar ao confinamento por longo tempo. Ainda não temos clareza do quanto a família foi afetada positiva ou negativamente no aspecto físico, social e emocional e se as consequências foram maiores ou iguais baseadas no fator socioeconômico das diversas camadas sociais. Percebe-se que o longo

tempo de confinamento trouxe desafios diversos às famílias, tais como: convivência por período mais longo de tempo, falta de rotina – seja em casa, na escola, atividades de lazer e esportes, tempo para estudo e brincadeira, organização do ambiente para trabalho à distância, falta de emprego, separação dos pais, mortes....Com o advento de uma nova realidade pós pandemia percebe-se que termo parentalidade ganhou notoriedade nas mídias, nos núcleos familiares e de apoio às famílias.

Atualmente ouvimos mais sobre estilos parentais, práticas parentais e habilidades sociais educativas parentais; vejamos o que cada uma representa.

Estilos parentais: São padrões de comportamentos, abordagens e atitudes na interação pais e filhos. Baumrind definiu os estilos parentais como “o conjunto de atitudes e práticas dos pais em relação aos filhos que caracteriza a natureza da interação entre eles”. Ela nomeou três estilos parentais: autoritativo, autoritário e indulgente. Mais tarde, Maccoby e Martin (1983) incluíram um quarto estilo parental, chamado de negligente. Estes autores reorganizaram os estudos de Baumrind e estabeleceram dois parâmetros de diferenciação dos estilos parentais chamados de responsividade e exigência. As características de cada estilo foram então baseadas a partir destas duas dimensões (Maccoby e Martin, 1983, apud: Gomide, 2021).

Autoritativo: Pais com **elevadas** responsividade e exigência

Autoritário: Pais **pouco** responsivos e **muito** exigentes

Indulgente: Pais **muito** responsivos, mas **pouco** exigentes

Negligente: Pais que apresentam **baixas** responsividade e exigência

Práticas parentais: Os pais desempenham a função do cuidado a partir das práticas parentais aprendidas no contexto sociocultural, através de crenças e valores baseadas nas suas histórias de vida. São estratégias utilizadas pelos pais para controlar, socializar e desenvolver valores e atitudes na criação dos filhos. Os pais se utilizam de várias estratégias e técnicas para orientar o comportamento das crianças.

Hoffman (1975) definiu duas categorias de práticas parentais, que são

- **Indutivas:** sinalizam às crianças as consequências de seus comportamentos, levando-as à reflexão. Por meio das práticas indutivas os pais explicam às

crianças seus valores, ações e métodos de disciplina. Estão relacionadas ao desenvolvimento de comportamentos pró-sociais, à internalização dos valores parentais e ao desenvolvimento de empatia e altruísmo.

- **Coercitivas:** atitudes disciplinares que envolvem uso da força, punição física e privações. Estão associadas a comportamentos negligentes (falta de atenção ou afeto) e abusivos (ameaças e castigos físicos) dos pais (Gomide, 2021, p. 11 e 12).

Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P): A partir do conceito das Habilidades Sociais Educativas (HSE) - voltadas intencionalmente à promoção do desenvolvimento e da aprendizagem de outra pessoa - Del Prette e Del Prette (2002, *apud*: <https://www.rbtc.org.br>), sugerem sua utilização nas práticas parentais e formam um novo conceito: as Habilidades Sociais Educativas Parentais – que são o conjunto de habilidades sociais dos pais aplicadas à educação dos filhos possibilitando a aquisição de independência, autoconfiança e responsabilidade.

Não é fácil para a família adotar um estilo parental devido a transformação permanente de cada indivíduo com relação às imposições constantes da sociedade. Daí a importância da parentalidade seguir o estilo do afeto, pois norteará a construção das famílias contribuindo para a transformação de uma sociedade mais justa e acolhedora.

PARENTALIDADE POSITIVA OU DISCIPLINA POSITIVA

A depender do estilo parental exercido no núcleo familiar - autoritativo, autoritário, indulgente, negligente - a falta de habilidades sociais educativas pode caracterizar em fator de risco para crianças e adolescentes, pois os pais podem utilizar de práticas punitivas e abusivas gerando um ambiente hostil e vulnerável que requer a atenção das redes de proteção.

Já a parentalidade positiva é também chamada de Disciplina Positiva e tem como objetivo orientar os pais a perceberem que as crianças e adolescentes em seu processo de desenvolvimento necessitam, além de comandos, principalmente de orientação – pautada no ajuste entre gentileza e limites, tendo como bases a empatia e a firmeza voltadas ao respeito, acolhimento e à não violência. Nesta visão de educação parental, a família é levada a interagir com seu núcleo familiar através de uma comunicação clara e com reforço consistente de

expectativa, regras e limites. São direcionamentos que favorecerão na construção da não violência, da empatia, do autorrespeito, dos direitos humanos e do respeito pelo próximo.

Jane Nelsen, (2015), principal divulgadora da Disciplina Positiva investigou detalhadamente a abordagem de Alfred Adler e Rudolf Dreikurs, incluindo as habilidades de aplicação prática, com seus sete filhos, a parar maus comportamentos e a ensinar-lhes os conceitos de: autodisciplina, responsabilidade, cooperação e habilidades de resolução de problemas. Ficou muito entusiasmada com a redução em 80% das brigas entre seus filhos e desde então passou a compartilhar esses conceitos com outras pessoas. Ela se refere aos filhos como “uma fonte de inspiração, oportunidade e amor”. E enfatiza, “Eles têm sido a inspiração, em muitas oportunidades, para eu continuar aprendendo, e me ensinaram diversas vezes que a única vez que eu achei que fosse uma especialista foi *antes* de eu ter filhos” (Nelsen, 2015, p. XIX).

A autora nos abre um caminho alternativo demonstrando que as famílias, inclusive a dela, estão em constante aprendizado e que podemos admitir que erramos sem necessariamente carregarmos a culpa de que não somos bons pais, pois temos a chance de estarmos reaprendendo e nos corrigindo antes mesmo de corrigirmos nossos filhos.

Renato M. Caminha (2024, p. 6 e 7), criou o acrônimo PAI – Permanente Atestado de Insuficiência – e ressalta que é válido para todos os tipos de parentalidade e por quem ela for exercida. Este acrônimo, revela que para se ter uma relação entre pais e filhos baseada pela honestidade, é primeiramente necessário passar pelo processo de assumirmos precisamente nossa imperfeição e nossas insuficiências.

Para que tenhamos uma relação verdadeira e não idílica, como a sociedade nos exige, diga a seus filhos que você erra e errará muito ao longo de sua vida como pai e fora dela também, diga a eles que aceita os erros deles e suas respectivas imperfeições, mas que uma relação sólida, baseada na empatia e no cuidado genuíno com o outro, faz as falhas se tornarem menores do que os atos de afeto e cuidado (Caminha, 2024, p. 8 e 9).

Um ambiente sadio dentro do núcleo familiar necessita de respeito mútuo, tolerância, escuta ativa, olhar atento e principalmente de afeto. A parentalidade é um exemplo de que os relacionamentos exigem a capacidade constante de tolerância à frustração.

Os estilos parentais são utilizados como estratégias de interação entre adultos/cuidadores e filhos e são delineados a partir de um sistema social que compartilha crenças, valores, expectativas, classes sociais, raça e modos de cuidar de crianças. Amendola (2023, p. 87), nos coloca que além das expectativas da sociedade a parentalidade também é influenciada por fatores individuais dos cuidadores, pelas características individuais da criança, pelo contexto e pela transmissão intergeracional. Um modelo de apego será exercido entre o cuidador e a criança dependendo do estilo parental exercido e da qualidade das experiências de vinculação, influenciando no senso de segurança e na condição de bem-estar da criança. Sendo que, segurança e bem-estar são “os responsáveis pelo desenvolvimento de competências socioemocionais e cognitivas, organizadoras da personalidade da criança e da sua relação com o mundo”.

A teoria do apego ou apego seguro, foi desenvolvida por John Bowlby (Ribas, 2023, p. 61 e 64) e nos apresenta o desenvolvimento da personalidade tendo como ponto de partida a infância; porém as primeiras relações construídas na infância, afetam, mais adiante, o padrão de apego do sujeito ao longo da vida. Ainda, para Bowlby “o apego é um mecanismo básico dos seres humanos, e a figura do apego é a “base segura” a partir da qual o bebê pode começar a explorar o mundo”.

Para observar relações de apego entre o cuidador e uma criança, Ainsworth (Ribas, 2023, p. 62), queria observar as reações dos bebês ao reencontrarem o seu cuidador, após uma breve separação e ainda as reações da criança com o fluxo contínuo de pessoas – familiares e estranhas. A criança ficava brincando numa sala por vinte minutos enquanto cuidadores e estranhos faziam o movimento de entrar e sair do ambiente. Ao final do procedimento, a pesquisadora pôde classificar a criança em quatro grupos de apego: apego seguro, apego inseguro ansioso-resistente, apego inseguro ansioso-avoidante e apego desorganizado-desorientado.

O apego não nasce com o indivíduo, pode haver alteração em sua classificação a depender de novas elaborações de vínculos e caminha com o sujeito por toda a sua vida. A afetividade na parentalidade pode mudar o ambiente familiar proporcionando à criança ou adolescente um lugar seguro onde poderá desenvolver melhor autoestima, autoconfiança, autonomia e segurança emocional.

Nelsen (2015) nos remete a ver os erros como forma de aprender e nos aponta a dicotomia de sermos adultos rígidos e controladores, ou sermos adultos bastante permissivos – ambos não deixam as crianças/adolescentes desenvolverem responsabilidade. O meio termo seria quando os adultos dão a oportunidade para elas adquirirem habilidades sociais e de vida, que serão muito valiosas para a formação de um bom caráter em um ambiente que estimule a gentileza, a firmeza, a dignidade e o respeito. Para que crianças/adolescentes possam se tornar pessoas capazes é preciso que desenvolvam as percepções e habilidades significativas que irão canalizar sua energia favorecendo sua inteligência emocional.

Na visão de Nelsen (2015, p. 4), quando lhes é permitido trabalhar lado a lado com seus pais observando e fazendo atividades de maneira significativa para o estilo de vida daquele núcleo familiar, as crianças/adolescentes desenvolvem essas percepções e habilidades de forma natural. Ainda conclui que:

[...] a maior dos problemas de comportamento pode ser eliminada quando pais e professores aprendem maneiras efetivas de ajudar seus filhos e alunos a desenvolver percepções e habilidades saudáveis. A maioria dos problemas de comportamento pode ser atribuída à falta de desenvolvimento dessas Sete Percepções e Habilidades Significativas. [...] E o mais importante: precisamos compreender que cooperação baseada em respeito mútuo e responsabilidade compartilhada é mais eficiente que o controle autoritativo.

Lembrando que nenhuma abordagem parental irá transformar as famílias nas fictícias “família-margarina”. Como vimos, o erro faz parte do aprendizado e a Disciplina Positiva, sendo bem utilizada, pode ser uma excelente ferramenta aliada dos pais e professores que queiram utilizar de novas abordagens na interação adulto-criança. Pensando numa educação de longo prazo e não somente imediatista, como mascara a rigidez e punição – que de imediato resolverá o problema, mas logo a criança/adolescente irá agir com o mesmo mau comportamento.

Caminha (2024, p. 45), nos coloca que impor limites é necessário e que sentimentos de desagrado, tristeza trarão sim algum nível de desconforto e tristeza para os filhos. Mas se o núcleo familiar não agir com firmeza, a sociedade o fará de forma impiedosa, gerando um sofrimento ainda maior. O autor nos adverte que

[...] é fundamental que não sejam utilizadas no processo educativo, a punição física ou qualquer outra forma de maus-tratos, negligência, abusos psicológicos ou sexuais, pois elas são potencialmente geradoras de uma doença conhecida como transtorno de estresse pós-traumático, que na infância e adolescência é tão grave a ponto de alterar a arquitetura neural, a capacidade de regulação das emoções e da ativação empática. [...]crianças e adolescentes que são educados com alguma forma de violência tendem a reproduzir tais aprendizados em diversos contextos sociais, afetando, assim, a estabilidade do tecido social.

Tanto no atendimento clínico, como no institucional, cabe ao psicopedagogo ter um olhar atento e uma escuta ativa para a queixa recebida de familiares ou escolas, pois o que pode ser, a primeiro momento, considerado um transtorno específico de aprendizagem, no decorrer das sessões de avaliação do sujeito-paciente o especialista poderá estar diante de problemas parentais graves, como vulnerabilidade, agressividade moral e /ou física, negligência... para com a criança ou adolescente. E serão necessárias ações para que o sujeito-paciente seja protegido e amparado por redes protetivas: escola, saúde, assistência social, segurança pública.

ABORDAGEM E INSTRUMENTOS DE APLICAÇÃO, APURAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Na sociedade contemporânea faz-se necessário apresentar de forma educativa e com embasamento científico os estilos parentais para as famílias, a fim de prover pais e professores com conhecimentos e habilidades específicas que lhes garantam propiciar da melhor forma o desenvolvimento e a competência de crianças e adolescentes, seja no âmbito familiar e/ou escolar.

Um trabalho de orientação para pais é de extrema importância, pois implica o melhor desenvolvimento de crianças, que por sua vez serão os pais de amanhã, atingindo inclusive outras gerações. A intervenção com pais, como o treinamento, por exemplo, pode acarretar grande benefício para as famílias: melhoria nas atividades parentais e aumento da coesão familiar (Reppold e Cols, 2002).

A educação parental pode contribuir a longo prazo para a aprendizagem de práticas educativas eficazes que possibilitem às famílias e escolas desenvolverem habilidades sociais a fim de manter tanto a dinâmica familiar como a escolar a partir de um repertório de comportamentos adequados visando desenvolver habilidades sociais e uma atuação familiar mais afetiva e

comprometida com a transformação de uma sociedade mais saudável. A Disciplina Positiva é um programa que visa a abordagem do respeito mútuo e cooperação; tem como fundamentos para ensinar competências de vida - a gentileza e a firmeza ao mesmo tempo. O programa contribui para a educação parental e/ou escolar excluindo o controle excessivo ou a permissividade, isto é, não humilha crianças ou adultos. Pode ser trabalhada por famílias que queiram modificar seu modelo de parentalidade visando a melhoria em longo prazo; por escolas, a fim de conseguir um coletivo com mais empatia e afeto; e pode ser trabalhado em clínicas terapêuticas como aliado do psicopedagogo na busca do melhor meio da criança ou adolescente encontrarem um caminho mais suave para a aquisição da aprendizagem. Para se trabalhar com o programa da Disciplina Positiva primeiramente deve-se questionar qual estilo parental está sendo exercido no núcleo familiar, lembrando que no mesmo ambiente, podemos ter o pai utilizando um estilo e a mãe seguindo por outro; deixando assim, a criança/adolescente vulnerável a comportamentos extremos, seja de muita passividade ou de muita agressividade.

Renato M. Caminha (2024, p. 66), faz um questionamento à sociedade, provocando-a a pensar em toda a evolução da ciência em desvendar o desenvolvimento infantil e adolescente sem nunca chegar numa linguagem clara, menos acadêmica, aos pais ou aos que pretendem um dia sê-los; e aponta exemplos positivos de que “quando o conhecimento científico é difundido e adaptado à linguagem leiga, os benefícios são preventivos e profícuos em longo prazo”. A educação parental socioemocional no âmbito da psicopedagogia, pode se tornar uma ferramenta capaz de instrumentalizar os pais com técnicas eficazes que colaborem com as dificuldades de aprendizagem do sujeito-paciente, não só como tratamento de intervenção, mas também como prevenção.

Gomide (2021), vem pesquisando sobre estilos parentais, comportamento moral, programas de intervenção com infratores, bullying, avaliação forense, alienação parental, justiça restaurativa e parricídio. A pesquisadora é responsável pelo desenvolvimento do Inventário de Estilos Parentais (IEP), que teve sua primeira publicação em 2006, e à época, foi recomendado para utilização de psicólogos pelo Conselho Federal de Psicologia. Desde então, o IEP é utilizado em diversas pesquisas e para avaliação diagnóstica - tanto na área clínica, como na área forense.

Tamanha a importância deste instrumento, no ano de 2021, fez-se necessários aperfeiçoamentos e a ampliação da sua utilização para demais áreas profissionais, que precisam realizar análises das relações parentais, além do psicólogo (Gomide, 2021, p. 9). Contribuindo como importante

instrumental nas ciências sociais, da educação saúde, direito e ousar dizer, também para a psicopedagogia e poderia entrar como módulo disciplinar na pós-graduação em psicopedagogia.

Gomide (2021, p. 12 e 13), desenvolve o IEP a partir do modelo sociointeracionista de Patterson, Dishion e Reid (1992), que propõem um modelo formado por quatro estágios e que explicam a trajetória da aquisição do desenvolvimento do Comportamento Antissocial (CAS), sendo resultado da história de aprendizagem que ocorre principalmente nas relações familiares. A autora observa que através das práticas parentais, positivas e negativas, é que se formarão os estilos parentais. Por esta razão, que a utilização do IEP como instrumento de medição de práticas parentais, poderia colaborar como modelo de intervenção ou mesmo com a estimulação de práticas parentais positivas na área da psicopedagogia.

Importante ressaltar que recentemente sancionada, no último dia 21 de março de 2024, a Lei nº 14.826/2024, define a parentalidade positiva como o processo parental na família que leva em conta uma educação baseada no respeito, no acolhimento e na não violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tem como finalidade de apresentar a Parentalidade Positiva e de contribuir com a área da psicopedagogia, pós pandemia, propondo a viabilidade da utilização do Inventário de Estilos Parentais (IEP). Este valioso instrumento de mensuração de práticas e estilos parentais, foi elaborado pela Dra. Paula Inez Cunha Gomide, a fim de contribuir com a avaliação, intervenção e hipótese diagnóstica do sujeito-paciente, seja na atuação clínica ou institucional do psicopedagogo. Propõe a inclusão do método/técnica da Disciplina Positiva amplamente divulgada e utilizada internacionalmente, pela Dra. Nelsen, comprovando sua eficácia em terapias parentais e em instituições escolares.

A Disciplina Positiva, dentre tantos benefícios, nos dá a possibilidade de escolhermos uma educação equilibrada, sem extremos, que trabalha a concepção da autonomia, resolução de problemas, responsabilidade, cooperação, sendo uma via de mão dupla entre pais e filhos, fazendo com que caminhem juntos. Nunca deveríamos tirar a ideia absurda de que, para fazer uma criança se comportar bem ou melhor, antes precisamos fazê-la se sentir pior.

Concluindo, um provérbio africano nos ensina que “é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”. Os desafios da vida contemporânea transformaram de diversas formas a vida da sociedade a ponto de mesmo no pós-pandemia as famílias ainda se sentirem cada vez mais sozinhas sem ajuda de redes de apoio que possam ouvi-las e até mesmo compartilharem das mesmas angústias e trocarem ideias sobre a sensação de que não estão dando conta da educação dos filhos.

A mediação na área da psicopedagogia incentiva o uso construtivo do poder pessoal e da autonomia. É importante entender que como educadores temos que aceitar nossas imperfeições, que precisamos sempre buscar mais conhecimento para sermos melhores pais e buscar ajuda quando necessário. A educação parental, a luz da Disciplina Positiva, proporciona às famílias investirem em autoconhecimento. Como cada indivíduo reage às suas emoções, deve-se aumentar a consciência de como se está praticando a parentalidade, para que se possa pensar e agir fazendo melhores escolhas, para se criar uma conexão de relacionamentos mais saudáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUIA DA INTERNET. **Família, direitos humanos, psicanálise e inclusão social**. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/79136044.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2024.

GUIA DA INTERNET. **Estilos, práticas ou habilidades parentais: como diferenciá-los?** Disponível em: [https://www.rbtc.org.br/detalhe_artigo.asp?id=304#:~:text=As%20habilidades%20sociais%20educativas%20parentais%20\(HSE%2DP\)%20podem%20ser,Prette%26%20Del%20Prette%2C%202002](https://www.rbtc.org.br/detalhe_artigo.asp?id=304#:~:text=As%20habilidades%20sociais%20educativas%20parentais%20(HSE%2DP)%20podem%20ser,Prette%26%20Del%20Prette%2C%202002). Acesso em: 12 mar 2024.

AMENDOLA, Marcia Ferreira. Crianças em Perigo – autoritarismo parental, obediência infantil e vulnerabilidade ao abuso sexual. p. 85 a 92. *In*: VILLAS BOAS, Rejane; RIBAS, Fabiana Nunes (coord.). **Pais em construção: um guia de educação parental e inteligência emocional para pais que querem sua melhor versão**. São Paulo, SP: Literare Books International, 2023.

CAMINHA, Renato M. **Mitos da Parentalidade: livrando os pais da culpa infundada**. Porto Alegre: Artmed, 2024.

- CHIZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000. (Biblioteca da educação. Série 1. Escola; v.16).
- DINIZ, Vanessa do Carmo. **O princípio da afetividade nas relações familiares**. Diálogo das Fontes. Dignidade da Pessoa Humana. Funcionalização, Socialização e Esticidade. Abril/maio/junho de 2010.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes; TAVARES, Dirce Encarnacion; GODOY, Hermínia Prado. **Interdisciplinaridade na pesquisa científica**. Campinas, SP: Papyrus, 2015. (Coleção Práxis).
- GOMIDE, Paula Inez Cunha. **Inventário de estilos parentais – IEP**: fundamentação teórica, instruções de aplicação, apuração e interpretação. 4. ed. revista, atualizada e ampliada com teoria e prática. Curitiba: Juruá, 2021.
- NELSEN, Jane. **Disciplina Positiva**. (Tradução Bernadette Pereira Rodrigues e Samantha Schreier Susyn). 3. ed. Santana do Parnaíba, SP: Manole, 2015.
- TAVARES, Dirce Encarnacion. **Paradoxos e verdades sobre a COVID 19 – Angústias, Incertezas e Aprendizado**. São Paulo, SP, 2022.
- RIBAS, Fabiana Nunes. Apego Seguro – O que é? Como se elabora? Benefícios para a vida. p. 59 a 68. *In*: VILLAS BOAS, Rejane; RIBAS, Fabiana Nunes (coord.). **Pais em construção**: um guia de educação parental e inteligência emocional para pais que querem sua melhor versão. São Paulo, SP: Literare Books International, 2023.